

ANTONIO PRATA

antonio.prata@estado.com.br



Diga: trinta e três

Trinta e três. Quem diria. A adolescência foi na última quinta, ainda há resquícios dela na estante de CDs, no seu vocabulário, num canto do armário – uma camisa xadrez que não vê a luz do sol desde um show do Faith no More, em 1997 –, mas são resquícios. Vez ou outra você está no supermercado, comprando saco de lixo, queijo minas light e amaciante e vê uma turma de garotos e garotas carregando garrafas de Smirnoff Ice e sacolas de Doritos. Você olha para as franjas lambidas dos meninos, para os piercings das meninas e percebe, meio assustado, que aquele é um mundo distante. Sente alguma vergonha do seu carrinho.

Diga, trinta e três: trinta e três. Diga: o que você fez? A essa altura da

estrada, uma parada é inevitável. Você desce do carro, contempla a vista do mirante. Não é um olhar para trás, como devem fazer os velhos, ao fim da vida – ou devem evitar fazê-lo, dependendo –, mas um olhar em volta: isso aqui sou eu. Daqui pra frente, não vai mudar muito, vai? Já deu tempo de descobrir que você não é um gênio da matemática, nem um fenômeno da ginástica olímpica.

Trinta e três anos. A idade de Cristo, alguém diz, e você logo pensa, repetindo um dos cacoetes de sua faixa etária: o que ele já tinha alcançado, com a minha idade? Bom, tinha transformado água em vinho, multiplicado peixes e pães, andado sobre as águas, levantado defuntos e conquistado uma multidão de fiéis em toda Judeia, Galileia, Samaria, Efraim e arredores. E você, que não

tem nem casa própria? Bom, também, naquele tempo era mais fácil – você tenta se consolar –, não tinha tanta concorrência e, oras, o cara era filho de Deus, o que não só abre portas, abre até o Mar Vermelho! Mas você se compa-

Acredite em mim: aos trinta e três anos, de Jesus pra baixo, todo mundo é ressentido.

ra, mesmo assim: Jesus deve ter andado sobre as águas com o quê? Dezesete? Orson Welles fez *Cidadão Kane* com vinte e cinco. Rimbaud escreveu toda a obra até os dezenove! E você tão feliz por ter conseguido mais quinze seguidores no Twitter.

(O lance do Mar Vermelho... Foi com Jesus ou com Moisés? Céus, trinta e

três anos e você não sabe uma coisa dessas? Será que um dia vai saber? Quando tem treze, ou vinte e três, acha que uma hora vai aprender tudo o que não sabe, basta ficar parado que as coisas naturalmente virão e entrarão na sua cabeça. Agora você percebe que talvez passe a vida ignorando certos assuntos. Mar Vermelho. As regras do gamão. Francês.)

Pense um homem. Pense: uma mulher. Adultos, no sentido mais abstrato, como um casal num livro de inglês ou num vídeo de normas de segurança do Detran. Espécimes maduros do homo sapiens sapiens: eles devem ter a sua idade. Talvez tenham filhos. Você tem filhos, ou ainda não?

Repare no “ainda não”, pois de todas as coisas que você não conquistou até agora há que saber discernir entre as que podem vir acompanhadas por um “ainda não” e aquelas das quais é melhor desistir. Andar sobre as águas, gênio da matemática, fenômeno da ginástica olímpica: não é pra todo mundo. E aos trinta e três anos, meu chapa, é a hora de admitir: você é todo mundo. Sei que é difícil. Viu filmes da Sessão da Tarde demais, propagandas da Nike demais, foi mimado demais para admitir que Deus não passou mais tempo moldando a sua forma do que a do vizinho do 71. É a não compreensão desse banal infortúnio que faz com que haja em tantos rostos de sua idade um brilho opa-

co, um fungo que brota onde o sol não bate forte o suficiente: o ressentimento.

Acredite em mim: aos trinta e três anos, de Jesus pra baixo, todo mundo é ressentido. Não é que as pessoas vivam vidas ruins, as aspirações é que são muito altas. A Sessão da Tarde, as propagandas da Nike... Seu emprego é bom, mas o salário é ruim. O salário é bom, mas o chefe é ruim. O chefe é você, mas os prazos não te dão sossego. Sempre tem um cunhado que ganha mais, um vizinho cuja grama é mais verde, o próximo cuja mulher é mais fornida; Jesus, aos trinta e três, o Orson Welles, aos vinte e cinco – e o mau exemplo do Rimbaud ou nem comento.

Trinta e três anos. Você para. Desce do carro. Olha em volta. Você é o que queria ser quando cresceu? Não exatamente? Por que não? Será que dá pra mudar? Quanto dá pra mudar?

É preciso achar lugar no peito para as frustrações. É preciso lidar com o ressentimento e não deixar, em hipótese alguma, que ele se transforme em cinismo – se ressentimento é fungo, cinismo é ferrugem. Agora volte para o carro e siga em frente. Se tudo der certo, você não está nem na metade do caminho.

Diga, trinta e três: trinta e três. Quem diria.

Bienal atrai 74 mil por dia e agrada a 93%

Algumas editoras chegaram a registrar vendas até 90% superiores às de 2008

Raquel Cozer
Ubiratan Brasil

Com maior investimento em programação cultural e em divulgação, a 21.ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, encerrada ontem, recuperou um público perdido na edição 2008. Nos dez dias do evento, passaram pelo Anhembi cerca de 740 mil pessoas, numa média diária (74 mil) pouco maior que a de 2006, quando em 11 dias o espaço recebeu 811 mil pessoas. Em 2008, essa média diária foi de 66 mil.

O dia de maior movimento foi o segundo sábado, anteontem, quando 110 mil pessoas visitaram o evento, atraídas pelos descontos – mais comuns no final da feira – e por atrações como Ziraldo, Lygia Fagundes Telles e

Mia Couto. O espaço mais visitado foi o infantil O Livro é uma Viagem, que recebeu 50 mil crianças.

O balanço final de faturamento ainda não foi divulgado, mas editoras e livrarias consultadas pelo Estado confirmaram que o número de livros vendidos foi superior ao da edição de 2008 – nos estandes da Editora Senac e da Livraria Saraiva, por exemplo, o acréscimo foi de 50%, enquanto a Record observou crescimento de 90%. Em alguns estandes, as vendas superaram até as da edição de 2009 da Bienal do Rio, evento que costuma fazer mais caixa que o paulistano – caso da Melhoramentos, que teve aumento de 40% na comparação com o ano passado.

Raio X. Pela primeira vez, a or-



Perfil. Pesquisa constatou presença maior do público feminino e jovem, que chegou a tratar escritores como popstars

Falta de estrutura no Anhembi volta a ser alvo de críticas

● Mas o aumento de público também tornou mais perceptível problemas de infraestrutura, como a incapacidade do ar-condicionado de suprir as necessidades do espaço, a falta de sinalização e organização no estacionamento. Essas questões foram destacadas ontem em entrevista coletiva por Juan Pablo de Vera,

organização da Bienal contratou um instituto de pesquisa, o Datafolha, para fazer um balanço mais preciso do evento. Em nú-

presidente da Reed Exhibitions Alcantara Machado, empresa que organiza feiras como a de Frankfurt e a de Paris.

“Estamos conversando com a CBL (Câmara Brasileira do Livro) sobre características que achamos que o espaço deve ter na próxima edição. É preciso pensar num novo pavilhão em São Paulo que comporte feiras internacionais.” Anteriormente, o evento já ocorreu no Pavilhão da Bienal, no Viaduto do Chá, no Expo Center Norte e no Centro de Exposições Imigrantes.

meros prévios divulgados ontem – o resultado final da auditoria deve sair só depois de amanhã –, o instituto constatou uma

presença maior do público feminino (59% dos visitantes foram mulheres) e jovem (34% tinham entre 14 e 25 anos). A pesquisa também diagnosticou uma boa avaliação desta Bienal, considerada ótima ou boa para 93%. O maior problema foi a praça de alimentação, que apenas 37% avaliaram como ótima ou boa.

Popstar. Alguns escritores descobriam como é ser uma estrela semelhante às do rock. No sábado, uma pequena multidão tentou acompanhar a palestra da Lygia Fagundes Telles no Salão de Ideias.

Como a sala comportava apenas 150 pessoas, as demais tiveram de se contorcer nas paredes envidraçadas, de onde conseguiam observar e fotografar a autora. “Fico satisfeita ao desco-

brir que o escritor, embora habitualmente morra pobre, ao menos conta com o carinho do público”, disse a autora, que precisou ser escoltada por seguranças para conseguir movimentar-se pelo local. A medida, aliás, foi adotada até por veteranos de Bienal, como o cartunista Ziraldo, que também necessitou de escolta.

O apelo televisivo também servia para lotar as salas. A mesa “Fazer Humor é Coisa Séria”, com a atriz Guta Stresser, o jornalista Guilherme Fiuza e os humoristas Rafael Cortez e Paulo Caruso, por exemplo, lotou ontem à tarde o espaço Território Livre, de cem lugares. E ao menos outra centena aguardava do lado de fora, na esperança de fotografar especialmente Cortez, do programa CQC.

De pulseira VIP

PESCARIA E TOUR PELA OSCAR FREIRE

Promenade Chandon chega à quarta edição mais curta e tentando ficar ficar “mais família”, só que são as celebridades que ainda dão o tom

Paulo Sampaio

O empresário Paulo Velloso ganhou ontem o prêmio máximo na pescaria que a Dior promoveu durante a festa Promenade Chandon, que reuniu mais de 10 mil pessoas nas imediações da Rua Oscar Freire, nos Jardins. Na quarta edição, a festa durou das 17h às 20h, e não até 22h, como nos outros anos. A assessoria diz que pretendia tornar o evento mais familiar.

Velloso conseguiu pescar a sacola certa, entre as cem que estavam dentro de um cercadinho ao fundo da loja. Setenta continham brindes e, entre

eles, apenas um valia uma bolsa (de cerca de R\$ 5 mil). Os outros eram acessórios de aproximadamente R\$ 1 mil. Mas as vendedoras afirmavam que era um bom negócio, pois o ticket para a pescaria custava R\$ 100 e a renda seria revertida para a fundação Papet (Projeto, Apoio a Pesquisas Especiais Trilhar).

De sapato de verniz vermelho Dsquared combinando com o cinto Gucci e a camiseta xadrez no tom, Velloso parecia felicíssimo. “Só entro na igreja para agradecer, nunca para pedir.”

Rosângela Lyra, que é sogra do Kaká e grande propagadora do cristianismo na alta roda, emenda: “A gente pede pelos outros, não é Mário?”

“Sim, claro, pelos outros. Eu sempre peço”, corrige ele.

Convidadas para enfeitar a festa, Mariana Ximenes e Guilhermina Guinle posaram para fotos e seguiram para um tour por 8 das 34 lojas que participaram da Promenade. Por que só oito? Teve briga? Ninguém sabia explicar direito. A assessoria disse que aquelas eram as marcas com as quais as duas atrizes “mais se relacionam” e para as quais “já fizeram algum trabalho”. “A Mariana quis passar na Arezzo, por exemplo, porque fez a última campanha deles, entende?”

Na Louis Vuitton, alguém explicou que o tailleur de brim estampado em tons de verde e a sandália alta que ela escolheu pa-



Lotação. Mais de 10 mil pessoas em apenas 3 horas de festa

ra ir à festa seriam devolvidas no final. O conjunto custa cerca de R\$ 18 mil, segundo se informou.

Depois da sessão de fotos e de responder a perguntas como “Mariana, a Clara mexe com você como pessoa?” e “Guilhermina, a Luiza Salgado faz pose de forte, mas é insegura...Fala um pouco disso”, as duas atrizes partiram para a caminhada. Um grupo de seguranças e as respectivas assessorias das duas fizeram

um cordão de isolamento. Um pai inclinou a filha no colo em direção à Guilhermina: “Essa é a Valentina.”, disse ele. “Que fofo”, respondeu ela, sem opção. Não há margem para manobra.

No Clube Chandon, a gerente Cida esbravejava com os seguranças que permitiram a entrada de crianças (com os pais). “Gente, isto é uma casa noturna, vende álcool! Não dá!” Nas ruas, além de gente, muita gente, houve

apresentações de música clássica e de dança – e merchandising de carros e outros produtos expostos em estandes. Curiosamente, o público olhava para os produtos como se fossem gente – e para gente como se fossem produtos.

VIP. Enquanto Rita Cadillac fazia show na Cavalaria, só era possível entrar nas lojas que participaram do evento com pulseirinha VIP. E se um “não VIP” quisesse comprar? Seria barrado? Não parece um contrassenso em uma festa tão comercial? “Na verdade, sim”, explicaram, no começo da festa, as vendedoras da Schutz, de sapatos. Mais tarde, as notícias eram outras: “Abrimos para quem quisesse entrar, mas tivemos de tornar a pedir convites porque a fila do champagne (de graça) ficou grande.”

Indignada com a confusão de gente que não comprava nada, uma das vendedoras desabafou: “Esses ricos são um bando de pobres que parecem que nunca viram champagne na vida..” Em um domingo normal, disse ela, costumam vender muito mais. “Não tem comparação!”